

A PERSPECTIVA DO SAGRADO NA OBRA DE RUDOLF OTTO

Bruno de Oliveira Silva Portela¹

Resumo: O objetivo deste artigo é apresentar a concepção de Rudolf Otto acerca da experiência religiosa, o Sagrado, numinoso e suas categorias, além de apontar para o sentimento que a experiência religiosa provoca no ser humano. Otto destaca que o elemento essencial da experiência religiosa é o Sagrado. O Sagrado, entretanto, não se confunde com a pureza moral, nem com os elementos de uma ética religiosa. Ele possui os elementos racional e irracional. O elemento racional possui aspectos mais imanentes, que se deixam ser conceituados pela linguagem e estão presentes nas elaborações reflexivas do ser humano. O elemento irracional, por sua vez, é aquele que extrapola os limites da linguagem, possuindo atributos sobre os quais o ser humano não se assenhora. Ele leva o ser humano a apenas sentir e se reconhecer num sentimento de criatura diante da realidade maior do que ele. A esse elemento transcendente Otto dá o conceito de numinoso.

Palavras-chave: O Sagrado; Numinoso; Experiência Religiosa.

Introdução

Conceituar é uma tarefa dura e delicada. O conceito não é a “coisa” em si, por assim dizer, mas é apenas um apontamento para algo que extrapola ao rótulo. O labor de dar um nome ganha um nível de problematização ainda maior quando se trata de captar uma realidade abstrata. O extremo desse árduo labor é tencionar a linguagem no intuito de descrever a experiência tida como religiosa. Otto reconhece os entraves das palavras², e considera até legítima a tentativa que o ser humano tem de atribuir à divindade conceitos, tal como são percebidos em si de forma limitada, mas que se tornam absolutos em relação ao divido³. Quiçá exista um nome que aponte para uma abertura, não para um enclausuramento.

¹ Mestre em Ciência da Religião pela UFJF; Especialista em Psicologia Clínica Junguiana pelo Instituto Junguiano do Rio de Janeiro; Graduado em Psicologia pela PUCMinas (Campos Juiz de Fora); Docente do Centro Universitário Fundação São José – Itaperuna.

² OTTO, **O Sagrado**, p. 33. Há uma menção de Goethe: “o sentir é tudo; nome é som e fumaça”. Otto, contudo, considera a importância que o nome tem no cristianismo, o que faz com que essa expressão do poeta alemão não se enquadre na estrutura da religião cristã.

³ Mesmo Feuerbach (**A essência do cristianismo**, p. 45, 46) considera essa dinâmica em sua obra “A essência do cristianismo”. O ser humano percebe o que há de melhor em si e eleva esses atributos a um ser, e assim cria Deus. A diferença entre a ideia defendida por Feuerbach e o processo descrito por Otto está no fato de que o primeiro diz que Deus é uma criação humana, enquanto o segundo diz que os atributos perceptíveis no ser humano medeiam a percepção e a experiência com o ser divino.

Mesmo Feuerbach, em sua grandiosa obra, **A Essência do Cristianismo** (p. 45, 46) considera essa dinâmica, e aponta que “O ser humano percebe o que há de melhor em si e eleva esses atributos a um ser, e assim cria Deus”. A diferença entre a ideia defendida por Feuerbach e o processo descrito por Otto está no fato de que o primeiro diz que Deus é uma criação humana, enquanto o segundo diz que os atributos perceptíveis no ser humano medeiam a percepção e a experiência com o ser divino.

De acordo com os relatos do livro de Jó, o servo que perdera tudo tivera a oportunidade de se encontrar com Deus e mudar sua percepção acerca do divino. Ele afirma: “Meus ouvidos já tinham ouvido a teu respeito. Mas agora meus olhos te viram”⁴. Talvez essa experiência de ouvir e ver o Deus aponte para a contínua impossibilidade de conhecê-lo

Para Agostinho de Hipona é atribuída uma assertiva que corrobora a ideia acima: “si comprehendis, non est Deus”⁵. Será que Agostinho tem razão? Será que Jó a tem? De que modo caminhar em direção de uma compreensão sobre a experiência do Sagrado? Assim, o presente artigo pretende abordar a concepção do Teólogo Rudolf Otto em relação ao Sagrado, numinoso e os entraves da conceituação em relação a eles.

1. O Sagrado: considerações sobre o racional e o irracional

“Pois o etéreo, onde os deuses são exclusivamente deuses, é a sua divindade. O elemento desse etéreo, aquele no qual mesmo a divindade ainda é essência, é o sagrado. O elemento do etéreo para o advento dos deuses desertados, o sagrado, é a pista dos deuses desertados. Pois quem consegue sentir tal pista?”. (Heidegger)

Otto inicia sua abordagem acerca do Sagrado com uma afirmativa no mínimo desafiadora:

Para toda e qualquer ideia teísta de Deus, sobretudo para a cristã, é essencial que ela defina a divindade com clareza, caracterizando-a com atributos.(...) Trata-se, no caso, de conceitos claros e nítidos, acessíveis ao pensamento, a análise pensante, podendo, inclusive, ser definidos. Se chamarmos de racional um objeto que pode ser pensado com essa clareza conceitual, deve-se caracterizar como racional a essência da divindade descrita nesses atributos. E a religião que os reconheça e afirme é, nesse

⁴Jó 42.5. NVI.

⁵ Se você diz compreendê-lo, não é de Deus que você está falando.

sentido, uma religião racional. Somente por intermédio deles é possível “fé” como convicção com conceitos claros, à diferença do mento “sentir”. (OTTO, R. 2007, p. 33).

Tais atributos, contudo, não conseguirão comunicar ou expressar a totalidade da divindade. Eles só poderão chegar ao limiar do que a experiência religiosa realmente representa. Uma vez que o ser humano gosta de pensar sobre suas experiências, possui habilidades racionais e tem condições de articular conceitos e compreensões, é natural que haja o esforço reflexivo, oriundo da razão, para que se entenda a experiência na religião. Aliás, parafraseando Agostinho, pode-se dizer que “a medida do pensar é pensar sem medida”. Há, entretanto, outro lado da religião, o que não se enquadra nas engrenagens da razão, um aspecto irracional. Otto aborda esses aspectos do elemento racional e irracional na esfera religiosa, ao passo que indica questões que definem um determinado universo como sendo religioso.

Se existe um elemento que é capaz de determinar e caracterizar algum âmbito como sendo “religioso”, esse elemento, segundo Otto, é o Sagrado. Na língua alemã, o termo usado para fazer referência ao Sagrado é *das Heilige*, que pode ser usado para santo (substantivo), sendo *helig* o termo usado para santo quando é adjetivo. Na religião bíblica, o termo equivalente no AT em hebraico é *qadôsh*, e no grego do NT é *hagios*. No latim, *sanctus* ou *sacer* são as palavras usadas para fazer referência ao Sagrado (OTTO, R. 2007, p.38). O Sagrado é próprio do que é religioso, em essência, ainda que possa atingir a outras áreas. Possui um elemento racional, ou seja, os elementos que podem ser nomeados, conceituados.

De fato, uma vez que a linguagem é algo próprio do ser humano, é natural que se tente comunicar e articular determinada experiência, o que ocorre através da linguagem. Assim, o aspecto do Sagrado que pode estar imanente na linguagem são elementos doutrinários, princípios da ética religiosa e até mesmo noções conceituais sobre Deus. O Sagrado, contudo, mesmo possuindo o espaço passível de racionalização ou conceituação, ele foge a essa condição. Ainda que o termo Sagrado ou Santo possa estar, também, associado a uma pureza ética e moral, ou a um elemento ou pessoa que seja boa e amável, o Sagrado não pode ser confundido com a ética ou moral. Assim, o autor destaca a seguinte questão:

Detectar e reconhecer algo como sendo “sagrado” é, em primeiro lugar, uma avaliação peculiar que, nesta forma, ocorre somente no campo religioso. Embora também tanja outras áreas, por exemplo, a ética, não é daí que provém a categoria do sagrado. Ela apresenta um elemento ou “momento” bem específico, que foge ao acesso racional no sentido acima utilizado, sendo algo *árreton* [“impronunciável”], um *ineffabile* [“indizível”] na medida em que foge totalmente à apreensão conceitual. (OTTO, R. 2007, 37).

A maior questão em jogo é a relação entre o racional e o irracional no tocante ao Sagrado. E é essa questão que, ao longo de toda a abordagem de Otto, caminha no intuito de avaliar a precedência do elemento irracional sobre o elemento racional, ou seja, se a experiência do sagrado nasce do irracional ou do racional em primeiro lugar. Pode-se dizer que o elemento racional não é o elemento *a priori* do Sagrado, pois o racional e suas competências (e.g. conceituar) não conseguem abarcar toda a realidade do Sagrado.

Por “irracional”, não entendemos o vago e néscio, ainda não submetido à razão, nem a birra das pulsões individuais ou das engrenagens do mundo contra a racionalização. Usamos aquele linguajar presente, por exemplo, ao se dizer de um evento um tanto singular, que por sua *profundidade* foge à interpretação inteligente: “Isto tem algo de irracional”. Por “racional” na ideia do divino entendemos aquilo que nela pode ser formulado com clareza, compreendido com conceitos familiares e definíveis. Afirmamos então que ao redor desse âmbito de clareza conceitual existe uma esfera misteriosa e obscura que foge não ao nosso sentir, mas ao nosso pensar conceitual, e que por isso chamamos de “o irracional”. (OTTO, R. 2007, p. 97-98)

Deste modo, o cerne do Sagrado é sempre o elemento irracional, pois é o elemento que não se pode desagregar do Sagrado e é parte integrante de qualquer experiência religiosa. O elemento irracional não se submete à linguagem e não se enquadra nas conceituações: está sempre além delas. Assim, o elemento racional e o elemento irracional constituem a compreensão humana acerca do Sagrado, sendo este último mais precioso e caro dentro do pensamento de Otto, sendo movido por um assombro provocado por algo externo ao ser humano. Deste modo, em relação a esse elemento, pode-se dizer que qualquer esforço racional no sentido de compreendê-lo será frustrado, pois ele está mais para a experiência, não para o conceito.

Com isso, o teólogo nos traz a ideia de *numen* ou *numinoso*, no qual o Numen é “ente sobrenatural, do qual ainda não há noção mais precisa” (OTTO, R. 2007, p. 28). É pertinente observar que, de acordo com esta definição, duas expressões mantêm a ideia paradoxal da dificuldade de conceituar de fato e a possibilidade de se conhecer o ente conceituado. São elas: ‘não há...’ e ‘ainda’. No caso, o ‘ainda’ indica que a noção que falta pode ser construída, mas permanecerá aquém do que realmente é. As duas expressões juntas indicam que a experiência está ali, pode ser percebida, pode ser até mesmo conceituada, mas existe uma realidade além, imensurável, imprevisível. A experiência *numinosa* dispensa definições que tendem a esgotá-la, dispensa articulações racionais, uma vez que o numinoso requer uma percepção orientada a ele:

Poderíamos mesmo dizer que o Numen só se deixa e faz ver pelo sentimento do Numinoso. Há aqui uma pertença mútua, de modo que um não pode ser sem o outro. Perguntamos então: onde está o Numinoso? Otto responde: “Só se pode indicar através do tom e do conteúdo particular da reação do sentimento que provoca o seu aparecimento na consciência e que é necessário experimentar em nós próprios”. (SOUZA, 2007, p. 1-2)

2. O sentimento de criatura como aspecto do numinoso

Se o numinoso só se deixa ver pelo sentimento da mesma natureza, faz-se pertinente perguntar sobre esse sentimento humano em relação ao numinoso, quando ele nasce, o que o caracteriza, o que define a vida religiosa e a situa de modo distinto de uma vida cotidiana vivida pela mera moral ou ética. Otto, assim, cita Schleiermacher e a sua ideia de que a religião é um sentimento de dependência. Schleiermacher considera a dependência religiosa distinta de outras dependências que o ser humano possui, o que faz Otto perceber dois problemas na definição de seu mestre Schleiermacher.

O primeiro refere-se a uma concepção erroneamente análoga, pois a dependência sobre a qual Schleiermacher fala é uma dependência no sentido “natural” do termo. Dependência, nesse sentido, é relativa faz referência aos elementos que o ser humano carece para sobreviver, mas ainda indica que o ser

humano pode gerir, por assim dizer esses elementos e a própria dependência. A dependência religiosa, por sua vez, é absoluta.

O segundo problema estaria no fato de que tal dependência se assemelharia à concepção de Feuerbach acerca da religião. A dependência ficaria a cargo de cada criatura, pois o ser humano determinaria o conteúdo do sentimento religioso e o grau de dependência. (OTTO, R. 2007, p. 42)

Deste modo, a afirmação de Otto recai para o sentimento religioso que leva o ser humano a um sentimento de ser criatura, um sentimento que “afunda e desvanece em sua nulidade perante o que está acima de toda criatura” (OTTO, R. 2007, p. 42). Mesmo essa concepção de ‘sentimento de criatura’ ainda está aquém do que realmente a experiência é em si e exige uma experiência pessoal. O que fica claro no escritos do autor é que o sentimento de criatura é um aspecto do *numinoso*, ou seja, é próprio do que carrega o atributo do *numem*, o despertar deste sentimento.

O “sentimento de criatura” na verdade é apenas um efeito colateral, subjetivo, é por assim dizer a sombra de outro elemento de sentimento (que é o “receio”), que sem dúvida se deve *em primeiro lugar e diretamente* a um *objeto fora de mim*. Esse é justamente é o objeto *numinoso*. Somente quando se vivencia a presença do nume (...) é que o sentimento de criatura pode surgir como reflexo na psique. (OTTO, R. 2007, p. 42)

3. Elementos do Numinoso

Uma vez que o numinoso é irracional, ele não se dobra a linguagem. Com isso, ele só pode ser percebido pelo sentimento. Talvez surja uma problemática em relação aos aspectos da linguagem e do sentimento, já que ambos são categorias humana. Vale observar, entretanto, que a linguagem é um *a posteriori*, já que existem elementos que a precedem. Assim, a linguagem não dá conta de definir o que se sente ou o que se *experencia*⁶. Deste modo, faz-se necessário abordar esse tumulto que acontece dentro do ser humano diante da experiência do numinoso.

É possível traçar alguns aspectos do *numinoso* ressaltados por Otto e que provocam determinadas moções na psique humano. Além do sentimento de criatura, o autor destaca a existência de mais seis aspectos próprio da experiência com

⁶Faço uso do verbo ‘experenciar’ em vez de experimentar, para fazer alusão a essa percepção e interação com o *numinoso*.

onuminoso, são eles: *mysteriumtremendum*; os *hinos numinosos*; o *aspecto fascinante*; o *aspecto assombroso*; e o *aspecto augustum*.

3.1 *Omysteriumtremendum e os hinos numinosos*

Em relação ao *mysteriumtremendum*, existem quatro aspectos. O primeiro, o *aspecto tremendum* (arrepicante), indica tremor e medo diante do *numinoso*, ou ainda santificar algo dentro do coração, defini-lo como distinto de um sentimento popular, além de possuir um sentimento de pavor, assombro ou ameaça diante do Sagrado, ou até mesmo pasmo e estupefação (OTTO, R. 2007, p. 45-46).

O segundo, avassalador (*majestas*), indica a característica de domínio e majestade que o Sagrado possui. Esse aspecto diz respeito à nulidade da criatura, uma vez que o seu sentimento de criatura o coloca sujeito ao criador. Aqui estão presentes as expressões místicas e o ser humano desaparece diante da majestade tremenda.

O terceiro aspecto é o enérgico que, como está na raiz do conceito, indica a energia do *numinoso*, sentido na *orgé*, “expressando-se simbolicamente na vivacidade, paixão, natureza emotiva, vontade, força, comoção, excitação, atividade, gana” (OTTO, R. p. 45). A *orgé* é capaz de provocar um zelo piedoso, uma força que leva o ser humano a ter a postura asceta diante da vida, ou lutar contra o mundo e a carne. É a energia que impulsiona o ser humano na sua atividade religiosa.

Em quanto lugar, está o *aspecto mysterium*, que aponta para o Totalmente Outro. Deste modo, o Sagrado é o Totalmente Outro, o ente que não se confunde com a criatura, que está para além daquilo que o ser humano concebe. O Totalmente Outro, nesse sentido, é o estranho que sempre permanecerá estranho, que causa estranheza, que foge ao usual, ao familiar. Mesmo as formulações acerca de Deus evocam um Deus além de Deus⁷, pois o Sagrado permanecerá sendo um mistério.

Assim, o *mysteriumtremendum* possui aspectos coesos entre si, que vai desde a estranheza e, pelo fato de ser estranho, provoca pasmo. Ele leva o ser humano a reconhecer sua pequenez, gerando um a energia que o leva a viver para o Sagrado.

⁷ Conforme elaborado por Eckhart.

De que forma, então, a experiência numinosa leva o ser humano a reagir diante do Totalmente Outro? Otto destaca que o elogio ou exaltação que o ser humano faz ao sagrado extrapola a simples exaltação. Deste modo, ele insere a categoria de *hinos numinosos* como aspectos do numinoso. A glorificação através dos *hinos numinosos* reflete a majestade do Sagrado sem, contudo, limitá-la à linguagem. É uma tensão entre o elemento racional e irracional do numinoso.

3.2 O aspecto fascinante, assombroso, *augustumdo* numinoso

Existe um movimento paradoxal em relação a esse *numinoso*. Paradoxo aludido na famosa frase de Alice Walker: “aquilo que a mente não entende, idolatra ou teme”. Otto expõe duas assertivas similares, ao citar Lutero, “é como quando reverenciamos com temor um santuário, sem que por isso fuçamos dele, mas desejamos nos aproximar dele”, e um autor anônimo, “o que me apavora me atrai” (OTTO, R. 2007, p. 58). Uma vez que o Sagrado possui o aspecto de tremendo e estranho, permanecendo sempre outro. Essa condição produz um fascínio, uma atração humana ao Sagrado. Deste modo, existe uma esfera que pode ser denominada de amor, gratidão e benevolência em relação ao mistério que apavora e fascina.

Toda a história da religião atesta essa harmonia contrastante, esse duplo caráter do numinoso, começando no mínimo pelo estágio do “receio demoníaco”. Trata-se, na verdade, do mais estranho e notável fenômeno na história da religião. O que o demoníaco-divino tem de assombroso e terrível para a nossa psique, ele tem de sedutor e encantador. E a criatura que diante dele estremece no mais profundo receio sempre também se sente atraída por ele, inclusive no sentido de assimilá-lo. (OTTO, R. 2007, p. 68)

Esse fascínio acontece pelo caráter assombroso, grandioso, prodigioso que o numinoso possui. Otto considera os entraves para encontrar uma palavra que possa traduzir a palavra grega *deinós*, ou seja, o assombroso. De qualquer modo, a característica do numinoso é de grandeza, monstruosidade! Está além do excelso e belo, pois tais conceitos remetem à estética.

Deste modo, o valor de *sanctum* do *numinoso* surge como valor do seu aspecto *augustum*. Esse aspecto causa no ser humano uma resposta que o leva a

reconhecer o caráter de santidade do Sagrado. Com isso, a esfera profana faz contraste com a esfera da santidade encontrada no *numinoso*: uma não mistura com a outra, existe uma separação entre essas duas esferas. O ser humano se vê como profano, não apenas os seus atos; ou seja, a condição do ser humano, a sua existência são profanas, tornando, igualmente profanas, as suas atitudes. O aspecto *augustum* indica uma valoração do Sagrado, antes mesmo de indicar predicativos.

Conclusão

O que até então foi possível perceber em nosso autor, referente ao seu conceito de Sagrado, é que este representa o elemento essencial da esfera religiosa. Da perspectiva da moral religiosa, o Sagrado pode ser conceituado e adentrar a linguagem, demonstrando o seu aspecto de bom, ético; esse é o elemento racional do Sagrado. Mas também há a experiência religiosa do Sagrado como *numinoso*, que é o elemento irracional. Assim, o conceito cunhado por Otto é marcado pela tensão entre os elementos racionais e irracionais. O *numinoso* extrapola aos rótulos, com seu *mysterium tremendum* e fascinante, pavoroso e sedutor, impronunciável, gerando no ser humano uma atitude e um sentimento próprios de “interagir” com ele, de busca-lo, cultua-lo, teme-lo.

Talvez seja oportuno concluir, não com descrições, mas com um hino *numinoso* – por assim dizer – de reflexão sobre o que o numinoso provoca na psique humana. Um hino que possa deixar o numinoso em seu lugar, um lugar em que a razão não consegue dominar e os conceitos se esvanecem. Assim, transcrevo a oração nietzscheana ao Deus Desconhecido⁸:

Antes de prosseguir no meu caminho
E lançar o meu olhar para frente
Uma vez mais elevo, só, minhas mãos a Ti,
Na direção de quem eu fujo.
A Ti, das profundezas do meu coração,
Tenho dedicado altares festivos,
Para que em cada momento
Tua voz me possa chamar.

Sobre esses altares está gravada em fogo
Esta palavra: “ao Deus desconhecido”

⁸ Disponível em <<http://leonardoboff.wordpress.com/2011/04/01/%C2%A0%C2%A0%C2%A0oracao-de-nietzscheao-deus-desconhecido/>> Acesso em 14 mar 2016.

Eu sou teu, embora até o presente
Me tenha associado aos sacrílegos.
Eu sou teu, não obstante os laços
Me puxarem para o abismo.
Mesmo querendo fugir
Sinto-me forçado a servi-Te.

Eu quero Te conhecer, ó Desconhecido!
Tu que me penetras a alma
E qual turbilhão invades minha vida.
Tu, o Incompreensível, meu Semelhante.
Quero Te conhecer e a Ti servir.

Referências

BRUSEKE, Franz Josef. A técnica moderna e o retorno do sagrado. **Tempo Social: Rev. Sociol.** USP S. Paulo, 209-230, maio de 1999.

CECCON, Rodrigo Pereira; HOLLANDA, Adriano Furtado. Interlocução entre Rudolf Otto, Carl Gustav Jung e Victor White. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**. v. 64, n. 1 (2012). Disponível em: <<http://seer.psicologia.ufrj.br/index.php/abp/article/view/749/672>> Acesso em: 14 mar 2016.

FEUERBACH, Ludwig. **A essência do cristianismo**. Petrópolis: Vozes, 2007. 343p.

OTTO, Rudolf. **O sagrado**: aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. Tradução de Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal, EST; Petrópolis: Vozes, 2007. 224p.

SOUZA, Adriana Andrade de. Sobre a concepção da criatura como sendo nada em si: aproximações entre as idéias de Rudolf Otto e Mestre Eckhart. **Existência e Arte**. Revista Eletrônica do Grupo PET - Ciências Humanas, Estética e Artes da Universidade Federal de São João Del-Rei - Ano III - Número III – janeiro a dezembro de 2007. Disponível em: <http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/existenciaearte/Edicoes/3_Edicao/Adriana%20Andrade%20de%20Souza%20FILOSOFIA.pdf> Acesso em: 14 mar 2016.